

Igualdade Racial na Serra: História e Identidade Negra III

Comunidade Escolar



Autorretrato -
Ludmyla Grupo IV
2014
CMEI Curumim

**Serra
2018**

ADINKRAS: SÍMBOLOS DE SABEDORIA DO OESTE DA ÁFRICA



COOPERAÇÃO E INTERDEPENDÊNCIA



APRENDER COM O PASSADO



ABUNDÂNCIA



LIDERANÇA E CARISMA



PODER DE DEUS



DEMOCRACIA E UNIDADE



ADAPTAÇÃO



CONHECIMENTO, SABEDORIA



FÉ, CONFIANÇA EM DEUS

Em caso de racismo disque 100 ou 3291-2446 (DEPIR/SEDIR)
Em caso de racismo na escola disque 3291-8421 (SEDU/Serra)

LER MAIS EM:

ADINKRAS. Símbolos de sabedoria do oeste da África. Disponível em: www.casadasafricanas.org.br/adinkras/ Acesso em: 24/02/2016.

APRESENTAÇÃO

A Prefeitura Municipal da Serra, por meio da Secretaria Municipal de Educação, em convênio com a Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SNPPIR, Ministério dos Direitos Humanos - MDH, tem a honra de colocar à disposição dos professores e estudantes da rede municipal de ensino a cartilha *Igualdade Racial na Serra: História e Identidade Negra*.

A cartilha objetiva contribuir com os professores em sua tarefa de promover uma educação voltada para a promoção da igualdade, o que em nosso país exige conhecer e valorizar as diversas culturas que nos constituem como povo, com atenção especial para as culturas vítimas de desprestígio histórico, como é o caso da cultura de matriz africana, fortemente presente em nosso município.

Constituído por material informativo e por atividades lúdicas para os estudantes, este recurso pedagógico, destinado à mediação pelos/as professores/as, foi elaborado de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, para somar-se aos acervos pedagógicos das escolas em atendimento à determinação legal de incluir no currículo «o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica, e política pertinentes à História do Brasil» (Lei 10.639/2003).

Move-nos o compromisso com a valorização étnica e o desenvolvimento da autoestima de nossos estudantes, crianças, adolescentes e jovens, e a crença de que processos educativos bem conduzidos podem transformar pessoas e assim transformar a sociedade em um lugar mais justo e mais humano para todos.

AUDIFAX CHARLES PIMENTEL BARCELOS
PREFEITO DA SERRA

MÁRCIA LAMAS
VICE-PREFEITA e SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

MINISTRA DE ESTADO DOS DIREITO
HUMANOS
LUISLINDA DIAS DE VALOIS SANTOS

SECRETÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS
DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL
JUVENAL ARAÚJO JÚNIOR

CHEFE DE GABINETE DA SECRETÁRIA
NACIONAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO
DA IGUALDADE RACIAL
DIEGO MORENO DE ASSIS E SANTOS

DIRETORA DE IGUALDADE RACIAL –
SUBSTITUTA - MDH
ROSELI DE OLIVEIRA

COORDENADORA-GERAL DE PROMOÇÃO
DA IGUALDADE RACIAL - MDH
GABRIELA CRUZ DA SILVA

COORDENADORA DE DESENVOLVIMENTO
DE POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS -
MDH
LEILA CALAÇA DA SILVA

PREFEITO DA SERRA
AUDIFAX CHARLES PIMENTEL BARCELOS

VICE-PREFEITA E SECRETÁRIA DE
EDUCAÇÃO
MÁRCIA LAMAS

SUBSECRETÁRIA PEDAGÓGICA
**LEDA LANDUETE RODRIGUES DE SOUZA
CALENTE**

SUBSECRETÁRIA ADMINISTRATIVA
NELCI DO BELÉM GAZZONI

GERENTE DE ENSINO FUNDAMENTAL
ROSANI DA SILVA MORAES

GERENTE DE EDUCAÇÃO INFANTIL
ZILMARA AMORIM SANTIGO GUIA GRAÇA

GERENTE DE FORMAÇÃO
**MARIA DO SOCORRO DE SOUZA
MARQUES**

COORDENAÇÃO DE ESTUDOS ÉTNICO-
RACIAIS
HILEIA ARAUJO DE CASTRO

Organização, projeto, fotografias e escrita: **Hileia Araujo de Castro**

Ilustração: Rafaela Stein

Revisão de texto: **Eliana Aparecida de Jesus Reis, Giovanna de Paula Guimarães, Joana D'Arc Batista Herkenhoff e Magda Simone Tiradentes**

Projeto gráfico e diagramação: **Coordenação Pedagógica da Gerência de Formação**

Apoio Pedagógico: **Cícero Leão da Cunha, Eliana Aparecida de Jesus Reis, Giovanna de Paula Guimarães, Joana D'Arc Batista Herkenhoff, Magda Simone Tiradentes, Marcela Fraga Gonçalves Campos, Márcia Araujo Souza Beloti e Nilceia Elias Rodrigues Moreira.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

III)

I24 Igualdade racial na Serra : história e identidade negra / Hileia Araujo de Castro
[organizador]. - Serra, ES : Secretaria Municipal de Educação, 2016.

40 p. : il. ; 15 cm. - (Igualdade racial na Serra ; 1)

Inclui bibliografia.

1. Igualdade. 2. Raça negra. 3. Negros - Identidade racial. 4. Quilombos. 5. Revolta do Queimado. I. Série.

CDU: 316.347



Sumário

IGUALDADE RACIAL E OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFROBRASILEIROS	8
CONHECENDO NOSSAS ORIGENS E NOS RECONHECENDO NO MUNDO	11
PERSONALIDADES NEGRAS	16
A RESISTÊNCIA NEGRA NA SERRA/ES: A REVOLTA DE QUEIMADO	20
A RESISTÊNCIA NEGRA: LUTA E CULTURA	25
A RESISTÊNCIA NEGRA: DETERMINAÇÕES DA ONU	36
REFERÊNCIAS	38



Estudantes e professores da EMEF Governador Carlos Lindemberg em aula de campo no Sítio Histórico de Queimado.



IGUALDADE RACIAL E VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS

Para vivermos em uma sociedade melhor para todos é fundamental que haja igualdade racial. O que é isso? Para entendermos o que é igualdade racial e também o que são valores civilizatórios afro-brasileiros precisamos conhecer um pouco da nossa história.

Igualdade racial pode ser entendida sob muitos aspectos, mas queremos destacar apenas dois: o aspecto legal, que está previsto na lei e o ético.

Vejamos, então, a lei. Em 2010 foi aprovada, pelo Congresso Nacional a Lei 12.288, conhecida como Estatuto da Igualdade Racial (estatuto é um conjunto de leis que disciplinam as relações jurídicas que atingem um grupo de pessoas) que estabelece a efetivação da igualdade de oportunidades, e determina:

PARA SABER MAIS

O Mapa da Violência mostra que 93% das vítimas dos homicídios são homens. A quantidade de homens negros mortos é três vezes maior que de homens brancos e as vítimas com baixa escolaridade também são maioria. Além disso, a arma de fogo foi usada em 81,9% dos homicídios de adolescentes de 16 anos e em 84,1% dos homicídios na faixa de 17 anos.

www.ebc.com.br/noticias/2015/06/mapa-da-violencia-homicidios-sao-quase-metade-das-mortes-de-jovens

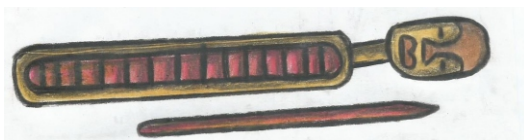
Disque 100 contra o racismo ou 3291 2446 (SEDIR/DEPIR)
Disque 3291 8421 contra o racismo nas escolas (SEDU/Serra)

“Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Parágrafo único. Para efeito deste Estatuto, considera-se: I - discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada”.

Como podemos observar na lei a igualdade está garantida. Mas será que de fato está garantida? Você conhece algum caso de racismo? Na escola? Na comunidade? O que você pensa sobre isso?

Atualmente, casos de racismo com personalidades famosas são divulgados nos jornais, TV e internet. Mas só isso não basta. Cada um de nós precisa defender a igualdade racial para acabar com o racismo e valorizar as diferenças de origens, de cor da pele, do cabelo, do vestir, do falar.



Casaca

Ao defender a igualdade racial, queremos refletir e problematizar sobre o racismo, valorizar as diferenças de origens, de cor da pele, de cabelo, de modo de vestir, de falar.

A luta pela igualdade começa reconhecendo as diferenças, pois é respeitando as diferenças físicas, estéticas, de etnia e de gênero que conquistamos a igualdade. Observe as crianças representadas abaixo. Elas são semelhantes ou diferentes umas das outras? Sabemos que as aparências não fazem alguém melhor ou pior do que o outro. Todos somos seres humanos e merecemos ser tratados com dignidade.

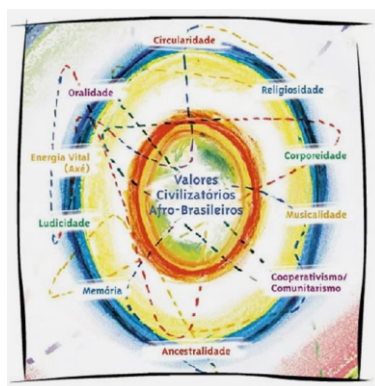


Todos somos diferentes. É difícil até encontrar gêmeos com a mesma impressão digital. Precisamos entender que o outro nunca é como eu, mas como eu, deve ser respeitado.

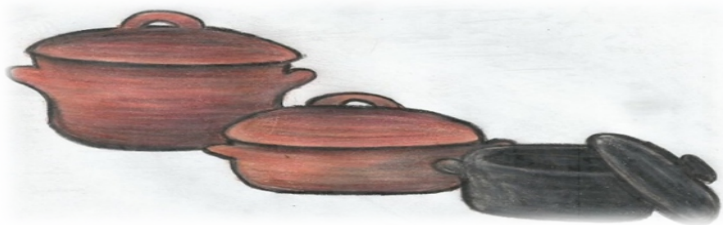
Não basta porém olharmos o outro se não olhamos para nós mesmos. Por isso, a defesa da igualdade passa, também, por cada um de nós gostar de si mesmo. A isso chamamos autoestima. Nossa autoestima fica positiva quando somos respeitados, recebemos atenção, somos estimulados e fica negativa quando somos ignorados e desvalorizados. Por isso, além dos direitos e deveres, a luta por igualdade racial passa pelos valores humanos e éticos.

Podemos citar como exemplos de valores humanos e éticos o respeito por todos os seres humanos, a luta pela justiça e pelo fim da impunidade, a solidariedade e cooperação na defesa dos direitos de cada um e de todos, a responsabilidade nos atos que praticamos, a verdade de nossas atitudes e, mais que tudo isso, a reflexão, o pensar sobre as nossas ações que é fundamental para acabar com o preconceito.

Desse modo, de acordo com o projeto A Cor da Cultura, “redescobrimos os Valores Civilizatórios Afro-brasileiros, [Energia Vital, Circularidade, Corporeidade, Memória, Ancestralidade, Territorialidade, Religiosidade, Cooperação, Comunitarismo, Oralidade, Corporeidade, Musicalidade, Ludicidade]. Entendemos que (...)somos descendentes de organizações humanas em processo constante de civilização (...). Como afro-brasileiras e afro-brasileiros ciosas/os e orgulhosas/os desta condição, em diálogo com valores humanos de várias etnias e grupos sociais, imprimimos valores civilizatórios de matriz africana à nossa brasilidade que é plural” .



Entendemos que o racismo, a discriminação, o preconceito e a exclusão devem ser banidos, dando assim oportunidades iguais para a todos. Para isso precisamos compreender que todos nós brasileiros interagimos constantemente com nossa herança africana.



Ao olharmos para essas panelas de barro fabricadas pelas paneleiras de Goiabeiras em Vitória, logo pensamos em uma bela moqueca de robalo ou uma torta capixaba. Porém, se repararmos bem, podemos ver, também, valores civilizatórios africanos e indígenas.

A confecção das panelas é bastante antiga e foi transmitida pelos antepassados às novas gerações. Isso nos remete à ancestralidade (aqueles que vieram antes de nós, como nossos avós e bisavós), à oralidade (transmissão pela linguagem), à territorialidade (produção local) e a memória.

Assim, cada objeto que observamos, cada atitude que tomamos, cada atividade que desenvolvemos contém inúmeras referências civilizatórias das diferentes etnias que formam o povo brasileiro.



CONHECENDO NOSSAS ORIGENS E NOS RECONHECENDO NO MUNDO

No Brasil, somos, na grande maioria, mistura de africanos, indígenas e europeus. Temos nariz largo, cabelo crespo ou ondulado castanho ou preto. As mulheres com seios fartos e grandes ancas. Mas vivemos na ditadura da beleza magra e loura que nos impõem a TV e a mídia. De modo geral, nos mostram um tipo de beleza que não é brasileira, mas sim europeia.

Assim, com pouca idade, muitas jovens vão para o salão fazer relaxamento de raiz, amaciamento, escova permanente ou progressiva e muitos outros métodos modernos para manter o cabelo esticado como se fosse liso. Raramente o liso fica com aparência de natural. Depois, muitas descolorem e pintam de louro. É comum as mulheres quererem mudar o cabelo, fazer as unhas, sobrancelhas e tudo mais, mas será que paramos para pensar na origem de nosso padrão de beleza?

PARA SABER MAIS

Preconceito racial é a opinião que formamos sobre uma pessoa ou um grupo étnico sem conhecê-lo. Pode ter um resultado desastroso, pois estimula o racismo e a discriminação.

Disque 100 contra o racismo.



Tambor

Tais procedimentos estéticos se dão para o fortalecimento da autoestima, da identidade ou é só mera imposição de uma sociedade que valoriza apenas padrões eurocêntricos de beleza?

Esquecemos que o Brasil foi colônia de Portugal? Que passamos 300 anos vivendo para fornecer produtos, enriquecer a metrópole e nos submetermos a todas as suas ordens? Inclusive em relação ao que considerar bonito ou feio.

Nossos antepassados africanos ao serem trazidos para cá não foram considerados seres humanos. Eles foram escravizados, humilhados, açoitados, sem condições de manter sua dignidade. Precisamos parar e refletir que, mesmo em situação completamente adversa, eles lutaram e preservaram sua identidade e cultura por meio da religiosidade, da música e da dança.

Quando falamos em identidade queremos nos referir a identidade étnica. Esta é dada por nossas origens, nossa família e pelo reconhecimento e valorização que damos à nossa ancestralidade. Nos reconhecendo negros ou afrodescendentes, criamos uma relação de pertencimento a um grupo social. Assim, compreendemos melhor o que Jorge Aragão quis dizer com sua música:

*Se o preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade.*

A identidade também está presente em nossa aparência física. A nossa cor da pele, dos olhos e dos cabelos pertencem a nossa herança étnica e se devem a uma proteína presente em nosso organismo chamada melanina. A melanina protege a pele contra os raios solares.

As pessoas que têm muita melanina possuem pele, cabelo e olhos mais escuros e maior proteção contra os raios solares e, conseqüentemente, as que têm menos melanina têm pele, cabelos e olhos mais claros e menor proteção contra os raios solares.

Porém, cada um de nós assume várias identidades que se sobrepõem. Somos homens, mulheres, jovens, adultos, idosos, crianças, negros, brancos, indígenas, imigrantes... Assim, quando as mulheres se unem para lutar por seus direitos estão assumindo uma identidade de gênero. Quando o negro defende o seu cabelo crespo assume uma identidade étnica. Desse modo, uma pessoa pode ter várias identidades que se relacionam, se conflitam e se integram formando as identidades de cada um de nós.

É isso aí!

Eu sou negro e valorizo a minha origem étnica.



Essas identidades formadas pela vivência na comunidade, por questões de gênero e etnia, entre outras, são chamadas de identidades sociais, pois são construídas a partir de nossas relações em sociedade. As identidades passam pelo sentimento de ser acolhido e pertencer a um grupo. Reconhecendo-nos tal como somos, aprendemos a nos amar, respeitar e a nos esforçar para que a igualdade racial esteja presente em nosso cotidiano. E quando valorizamos a nossa identidade, resgatamos nossa cultura, o respeito, a dignidade e o orgulho de nossa herança étnica africana.

É preciso levar em conta que, de acordo com o Programa Nacional de Amostra Domicílio (PNAD/2012 – IBGE) a população afrodescendente da Serra é de 63%. Por isso a prática de todos (professores, profissionais da educação, pais e estudantes) deve ser de rompimento com o racismo e com atitudes preconceituosas. O cuidado ao lidar com todos contribui para não agravar as desigualdades, gerar injustiças e afetar psicologicamente crianças e adolescentes.

Vale lembrar que a evasão escolar, pode ser provocada por situações de racismo e discriminação. Uma vez fora da escola, adolescentes e jovens estão à mercê da exclusão social e, conseqüentemente mais vulneráveis a situações de racismo e violência que nutrem a mortandade da nossa juventude.



Pandeiro

A possibilidade de sucesso nos estudos permite, também, o acesso a bons empregos, diferentes espaços de poder e melhor qualidade de vida. O ingresso, permanência e sucesso na escola, e a continuidade dos estudos permitem alcançar diversos níveis de formação e a atuação responsável de maior número de



Maquete de quilombo feita pelos estudantes do 9º ano
EMEF Profª. Maria Istela Modenesi

PARA SABER MAIS

Em 2012, 56.000 pessoas foram assassinadas no Brasil. Destas, 30.000 são jovens entre 15 a 29 anos e, desse total, 77% são negros. A maioria dos homicídios é praticado por armas de fogo, e menos de 8% dos casos chegam a ser julgados.

<https://anistia.org.br/campanhas/jovemnegrovivo/>

Em caso de racismo disque 100 ou 3291-2446 (SEDIR/DEPIR)
Em caso de racismo na escola disque 3291-8421 (SEDU/Serra)



PERSONALIDADES NEGRAS NO ESPÍRITO SANTO

Durante séculos de escravidão e racismo, a população negra foi invisibilizada pela história oficial, jornais e, atualmente pelos modernos meios de comunicação. Por sermos 51% da população brasileira, temos que estar mais presentes nos livros, na escola, nos altos cargos de empresas públicas e privadas e de forma mais positiva na TV.

É importante conhecer pessoas negras que lutaram e lutam por seus direitos conquistando espaços na sociedade. Apresentamos personalidades negras de destaque pelo trabalho e participação social, contribuindo com isso, para que toda a população negra torne-se visível positivamente.

GUSTAVO HENRIQUE DE ARAUJO FORDE

- Possui Licenciatura Plena em Matemática pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Madre Gertrudes de São José (1999), mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) (2008 e 2016). Atualmente é Professor Adjunto e Diretor de Cidadania e Direitos Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo. Faz parte diretoria do Centro de Estudos da Cultura Negra do Espírito Santo - CECUN.



ALBUÍNO CUNHA DE AZEREDO – governador do Estado do Espírito Santo de 1990 a 1994. Nascido no Morro de Argolas, em Vila Velha em 1945, trabalhou como vendedor ambulante, peão de pedreira e jogador de futebol enquanto cursava engenharia na UFES onde se formou. Trabalhou na Companhia Vale do Rio Doce fundando depois sua própria empresa de consultoria no ramo do transporte ferroviário. Foi um dos primeiros governadores negros do país.

PRISCILIANO BILUIA DE ARAUJO – Prefeito da Serra de 1936 a 1937, farmacêutico, prescrevendo e tratando da saúde da população numa época em que médicos eram raros no estado. Em janeiro de 1936, foi eleito prefeito do município pelo Partido Construtor Serrano. O mandato foi interrompido em 10/09/1937 pelo Golpe de 1937. A democracia só foi restabelecida em 1946, quando foram convocadas novas eleições.

MEIRIVALDA SANTOS DA SILVA - nasceu em 24/08/1958 em Salvador (Bahia). Moradora de São Diogo - Serra - há 30 anos e professora do Município da Serra durante todo esse tempo. Diretora Escolar durante 12 anos e também coordenadora de turno. Casada e mãe de 05 filhos (04 adotivos e 01 biológico). Formada em Pedagogia pela Faculdade da Serra com pós-Graduação em Educação Infantil.

PARA SABER MAIS

O Brasil é o maior país do mundo em população afrodescendente, fora do continente africano. É o segundo país em população negra depois da Nigéria e o último país a abolir a escravidão negra. Foi também o país que mais importou africanos para serem escravizados. (Dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e IPEA, 2010).

MÁRIO DO PEGA - (09/05/1955 a 23/05/2010) nascido em Vitória, seus pais foram fundadores do GRES Recreativo PEGA NO SAMBA em Vitória. Criado em um reduto do samba, desde criança, Mário sempre gostou de escrever poemas, criar ideias de samba tanto na parte musical quanto na parte recreativa (fantasias). Mudou-se para Serra e fixou moradia no bairro Feu Rosa. Em 1994, fundou o bloco carnavalesco *Tradição Serrana*, que participava de vários concursos em Vitória representando o município da Serra, também desfilava no bairro e nas festividades de carnaval do município. O bloco foi crescendo e no ano 2000 virou o *Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Tradição Serrana* que anualmente abrilhanta o carnaval capixaba.

ANGELINA FRANCISCA DOS REIS - nasceu em Aimorés (Minas Gerais), veio para o Espírito Santo aos 30 anos de idade (1966), morou no bairro da Penha (Vitória). Em 1979, mudou-se para Central Carapina (Serra), participando das lutas da comunidade, atuou na Pastoral Operária do Município. Atualmente, mora no bairro Feu Rosa. Já lançou dois livros de poesias: em 1986, "Poesias Populares"; e em 1997, "Abecedário da Conscientização". Aos 78 anos, dona Angelina afirma que acumulou experiência e sabedoria. Entre os inúmeros títulos e certificados que recebeu, possui dois de maior destaque: o Título de Cidadã Serrana e o Título de Cidadã Espírito-Santense.



Pintura da história Bruna e a galinha d'angola. Trabalho realizado com os estudantes do Grupo V de CMEI pelas professoras do curso «Educação para as relações étnico-raciais» da SEDU/Serra.

HERMOGENES LIMA FONSECA - Nasceu em Conceição da Barra no dia 12 de dezembro de 1916 e faleceu no ano de 1996. Contador, folclorista, jornalista e político. Membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, da Comissão Espírito-santense de Folclore, do Conselho Regional de Contabilidade e sindicalista. Como jornalista foi colaborador, entre outros, dos jornais "A Gazeta" e "A Tribuna" e diretor do jornal "Folha Capixaba". Afirmava que não basta defender a cultura com palavras e sim participando ativamente por isso, foi o «Mestre Armojo» do Ticumbi de Santana em Conceição da Barra.

COLETIVO CULTURAL AFRO KISILE – há mais de 20 anos atuando na Serra em atividades culturais valorizando a negritude, a alimentação, a educação, a religião, o artesanato, outras. Surgiu como grupo musical com 12 integrantes e aos poucos foi se tornando algo maior. Desenvolvem um trabalho com os jovens de Jacaraípe, distrito com alto índice de homicídios, buscando proporcionar condições para que crianças e jovens cresçam visualizando oportunidades dignas para suas vidas. Todo ano realizam o Intercâmbio Cultural Afro Kisile com cineclube, sarau e oficinas culturais.

NALY DA ENCARNAÇÃO MIRANDA – Nasceu na cidade da Serra em 1916, formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Espírito Santo. Foi eleito vereador em 1954 e em 1958 foi eleito prefeito e reeleito em 1966. Foi autor das seguintes obras: Reminiscências da Serra (1984), Comentários Históricos da Serra (1990), Divina Força (1992) e ocupante da cadeira nº 1 da Academia de Letras e Artes da Serra (ALEAS). Faleceu em 1996.



A RESISTÊNCIA NEGRA NA SERRA/ES: A REVOLTA DE QUEIMADO

Um fato importante da história do Brasil imperial que ocorreu aqui na Serra foi a Revolta de Queimado. Um dos seus líderes foi Chico Prego. Ele lutou por liberdade e comandou a revolta em 1849. Vamos conhecer essa história?

Queimado é um distrito da Serra que já foi muito rico. Ele fica perto do rio Santa Maria de Vitória e, assim, naquela época, tudo o que era produzido na vila e nas fazendas próximas era levado para vender na capital em barcos pelo rio. Mas a partir de 1940, foram criadas estradas e os caminhões substituíram as embarcações. Com isso a vila ficou sem o seu comércio, as pessoas se mudaram e o local hoje está abandonado.

No século XIX viveu ali um negro chamado Francisco e, por ser devoto de São José, era também conhecido por Francisco de São José. Escravizado, ele vivia na Freguesia da Serra, em uma fazenda próxima do distrito do Queimado. Seu apelido era Chico Prego. Nessa época o sistema econômico do Brasil era escravista e negros eram trazidos acorrentados da África para serem escravizados.

PARA SABER MAIS

Racismo é a prática discriminatória da pessoa que acredita que existem raças humanas e que umas são superiores e outras inferiores.



Igreja de São José do Queimado atualmente.

Em Queimado, o padre Gregório de Bene resolveu construir uma grande igreja em homenagem a São José. Conversou com os fazendeiros e com os moradores pedindo ajuda. Todos prometeram participar como pudessem. Aos escravos foi prometida a alforria após a conclusão da obra e assim, eles trabalharam nos dias santos e feriados até anoitecer para concluir a igreja.

No ano de 1849, a igreja ficou pronta e os negros esperaram a liberdade. Como os fazendeiros e o padre nada falavam, reuniram-se Elisiário, Chico Prego, João da Viúva Monteiro e João Pequeno e resolveram conversar com o sacerdote.



Igreja de São José do Queimado em 1945
Acervo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

O padre negou que tivesse prometido a liberdade. O grupo se dividiu e foi para as fazendas buscar apoio junto aos negros escravizados.

Cada líder conseguiu formar um grupo que retornou ao centro da vila do Queimado e deu início à revolta na festa de São José. Aos gritos de liberdade cercaram a igreja. O padre fugiu para a capital e a polícia foi chamada. Assim, começou a perseguição e prisão de todos os envolvidos. Mais de 30 negros foram presos. Elisiário, João, o Pequeno, Cipriano e Carlos conseguiram fugir ou foram executados nas matas pelos capitães do mato ou pela força pública, como era chamada a polícia.

Os jornais da capital davam notícia da revolta incitando o presidente da província a pedir reforços ao governo imperial.

Muitos foram presos e condenados ao açoite e, pior ainda, a retornar a seus senhores, que em sua maioria os vendia para bem longe. Apenas Chico Prego e João da Viúva Monteiro foram condenados à forca.



Encenação da Revolta de Queimado pelos estudantes da EMEF Dom Hélder Pessoa Câmara

Chico foi enforcado na Serra e João em Queimado, mas continuam vivos na história do Brasil como exemplos da luta do povo negro contra a escravidão e pela liberdade. Essa história invisível nos livros didáticos, precisa ser conhecida por todos. Os versos do poeta popular, Teodorico Boa Morte immortalizam os heróis ignorados pela história oficial.

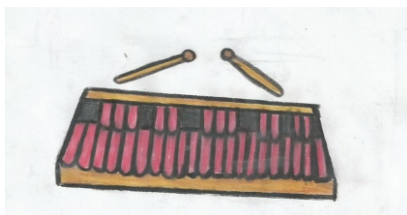
*Foi assim meus companheiros,
Ganharam a morte de graça, (...)
Numa forca em praça pública,
Frente a igreja matriz,
Foi morto o Chico Prego*

*Condenação do juiz.
João morre no Queimado
Pois também foi enforcado
Morte triste e infeliz.*

.....
*Chico Prego, Elisiário,
João Pequeno, Josino,
João da Viúva e Carlos,
Corcunda irmão do Divino,
Ouvem seu canto de guerra
Do Queimado até a Serra
Quando na igreja bate o sino.*

O lugar onde ocorreu a revolta foi tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual como Sítio Histórico de Queimado. Ali encontramos hoje as ruínas da igreja de São José.

O Movimento Negro organizou o Fórum Chico Prego que, junto com outras entidades, luta pela sua conservação e restauração. Todos os anos, na data da inauguração da Igreja, em 19 de março, ou no domingo mais próximo, as entidades sociais e religiosas, com apoio da prefeitura, realizam um culto macro ecumênico em memória aos mortos na revolta. A ideia é preservar a história da revolta e fazer do Sítio Histórico de Queimado um local onde todos possam visitar, conhecer e manter viva a memória dos antepassados.

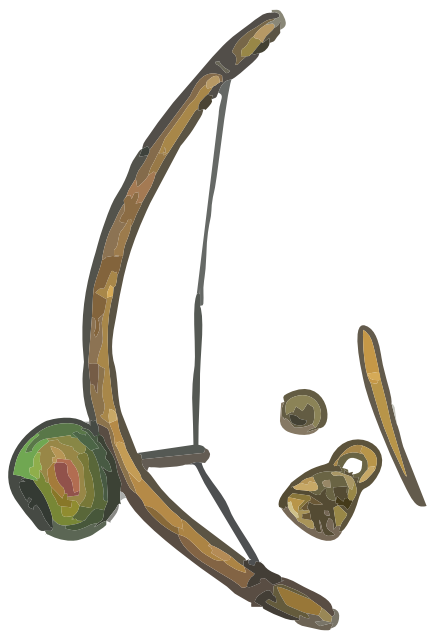


Marimba



A RESISTÊNCIA NEGRA: LUTA E CULTURA

A história do Brasil nos ensina que os africanos foram trazidos para cá e escravizados, mas lutaram muito por sua liberdade. Organizaram e construíram vários quilombos, que eram comunidades livres criadas pelos negros com objetivo de se manterem física, social e culturalmente. Nelas viviam também não-negros que não aceitavam o sistema de exploração escravista.



Berimbau

O quilombo mais famoso foi o de Palmares, no século XVII, em Alagoas. Seu líder, Zumbi, foi morto pelos escravocratas, em 1695. Em novembro de 2011, foi criado, pela lei 12.519, o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, reconhecendo na figura de Zumbi dos Palmares a luta de todos os negros contra a escravidão.

No Espírito Santo também existiram vários quilombos de norte a sul. Hoje são 36 certidões expedidas a comunidades remanescentes de quilombos pela Fundação Palmares. Assim, comunidades como a de Cacimbinha em Presidente Kennedy e a de Linharinho em Conceição da Barra, são certificadas e aguardam a titulação da terra.



Comunidade quilombola de Monte Alegre no município de Cachoeiro do Itapemirim. Acervo particular Giovanna de Paula Guimarães

Na região de Sapé do Norte, que abrange terras hoje pertencentes aos municípios de Conceição da Barra e São Mateus, existiram vários quilombos durante o século XIX e uma liderança quilombola exercida por Benedito e seu grupo que defendiam vários quilombos da região. Em 1881, quando a força policial e os capitães do mato atacaram o quilombo de Rogério, lá estava o grupo armado de Benedito para defendê-lo. Rogério foi assassinado e o quilombo desfeito, mas Benedito continuou com seu grupo atuando na região.

Também a luta das comunidades quilombolas na região serrana do Espírito Santo foi intensa, pois tanto o governo imperial como o republicano expropriavam as terras de descendentes de escravizados com pequenas posses e nelas assentavam imigrantes europeus.

A Fundação Palmares é responsável por estudar, reconhecer e certificar as comunidades quilombolas. Mas, o título da terra depende do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, e é dificultado pela política brasileira. Assim, continuam lutando para terem definitivamente a propriedade de suas terras com o título e registro em mãos.

Nas comunidades quilombolas, podemos identificar vários valores civilizatórios afrobrasileiros, pois são preservadas as tradições religiosas, o uso de plantas e ervas no tratamento de enfermidades e atividades culturais como festas e danças.

Algumas praticam uma agricultura tradicional com a participação de todos no cultivo da terra e na colheita. Sua produção é vendida para a manutenção das famílias que ali vivem. Além de praticarem agricultura familiar e, dessa forma, ter parte das matas e da vegetação nativa preservadas. Suas ações cotidianas são passadas dos pais para os filhos, contribuindo para a conservação do ambiente em que vivem.

Discriminação é qualquer exclusão, distinção e restrição aos indivíduos. Quando ocorre devido a cor da pele ou a etnia chamamos de discriminação racial.

Em caso de racismo disque 100 ou 3291-2446 (SEDIR/DEPIR)

Em caso de racismo na escola disque 3291-8421 (SEDU/Serra)

Verificamos que os negros lutavam criando quilombos. Em suas lutas também criaram e usaram a capoeira. Muitas histórias das lutas em Conceição da Barra, município do norte do Espírito Santo, foram resgatadas pelo jornalista e historiador Maciel de Aguiar. Sobre a capoeira ela relata sua entrevista com o Mestre Teodorinho, conhecido como Trinca Ferro, este afirmava que «capoeira é pra valer e não pra brincar, não é para demonstração, isso é coisa de gente que quer acabar com a capoeira, gente que não sabe nada desse assunto, que vive se mostrando nas praças como num teatro». Tendo aprendido a lutar com os ex-escravos, formou muitos capoeiras (como eram chamados os capoeiristas) “gente que sabia que tinha uma arma na mão, na cabeça e no pé”.

Teodorinho lembrou ainda que o famoso capoeirista Hilário Braúna foi emboscado por trinta soldados das forças de um capitão do mato chamado Cearense quando atravessava o rio Mucuri a nado. Ele mergulhou, saiu longe, esperou anoitecer e pegou o grupo pela retaguarda. Derrubou mais de doze com perna, braços, e costelas quebrados e muitos fugiram atravessando o rio. O Cearense jurou matá-lo, mas foi morto por Rugério e Hilário morreu de velho, muitos anos depois.

Temos, originalmente, dois tipos de capoeira: Capoeira Angola e Capoeira Regional. A capoeira angola foi difundida por Vicente Joaquim Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha), que em 1941, fundou o 1º Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) em Salvador. Já a capoeira regional teve como precursor Manuel dos Reis Machado (Mestre Bimba), que em 1929 criou a luta regional baiana, conhecida mais tarde como “capoeira regional”.





Roda de Capoeira na EMEF Dom Hélder Pessoa Câmara - Acervo particular Hileia A de Castro

Hoje a capoeira contemporânea mistura o estilo antigo, criado na época da escravidão ou capoeira angola que tem um ritmo mais lento, acrobacias e é jogada próximo ao solo, com a capoeira regional, que tem um jogo mais rápido. No entanto, as capoeiras regional e angola são ainda preservadas.

Porém, conquistar espaço como esporte olímpico é uma das grandes dificuldades, pois, para isso, a capoeira deve ser considerada como luta e estar difundida em grande parte do planeta. Assim, muitos mestres deixaram o Brasil constituindo grupos em países de vários continentes.

Em 26 de novembro de 2014, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) declarou a roda de capoeira como sendo um Patrimônio Imaterial da Humanidade.

As manifestações artísticas são também expressão da cultura afro-brasileira. Na Serra e no Espírito Santo o congo, conhecido como congada em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, está fortemente enraizado. As bandas de Congo misturam a música de origem africana com a religiosidade do período imperial. Essa tradição é passada de geração em geração e tem suas maiores apresentações na Celebração de Queimado, na festa de São Benedito e na festa de Nossa Senhora da Penha.

Na Serra, a festa de São Benedito tem mais de 100 anos de tradição. Nela acontece a cortada, puxada e fincada do mastro no período de 25 a 27 de dezembro.

O povo desfila pelas ruas da cidade, seguindo o navio Palermo que, segundo a lenda, naufragou próximo a Serra e os negros escravizados, graças a São Benedito, conseguiram salvar-se. As bandas de Congo também desfilam saudando o santo com suas músicas. Na Páscoa ocorre a derrubada do mastro, que é retirado ao som das bandas de Congo para retornar em dezembro.

PARA SABER MAIS

Efetivamente, as vítimas de homicídios, entre os brancos, no conjunto da população, o número diminuiu de 19.846 em 2002 para 14.928 em 2012, o que representa uma queda de 24,8%. Entre os negros, as vítimas aumentam de 29.656 para 41.127 nessas mesmas datas: crescimento de 38,7%. (WASELFSZ, 2014 p.130).

Em caso de racismo disque 100 ou 3291-2446 (SEDIR/DEPIR)
Em caso de racismo na escola disque 3291-8421 (SEDU/Serra)

A primeira banda de congo de que temos notícia foi a de São Benedito em Putiri, criada em 1875 sob a direção do Mestre Crispiniano, porém ao longo da história foram surgindo outras bandas como: Banda de Congo de São Benedito e São Sebastião (Nova Almeida), Banda de Congo Nossa Senhora da Conceição (Jacaraípe), Banda de Congo Nossa Senhora do Rosário (Pitanga), Banda de Congo Konschaça (Serra Sede) e outras, além das bandas de congo mirim. Na Serra, temos a Casa do Congo Mestre Antônio Rosa, que funciona como um museu, expondo instrumentos e vestuário.



Banda de Congo Konchaça na celebração de Queimado.

Já em Vitória temos as Bandas de Congo Amores da Lua, Banda de Congo Mirim Estrelinha, Banda de Congo Panela de Barro, entre outras; em Vila Velha, temos as Bandas de Congo Mestre Alcides e Banda de Congo Mestre Honório; em Cariacica as bandas de congo são: São Sebastião de Taquaruçu, Santa Isabel de Roda'd Água, Mestre Itagiba, São Benedito de Piranema e outras. Já em Viana temos a Banda de Congo Mãe Petronilha em Araçatiba, fundada há quase cem anos.

Observamos que de norte a sul do Espírito Santo ocorrem manifestações misturando música e religiosidade. Temos o Boi Pintadinho em Muqui, o Jongo de São Benedito, o Alardo de São Brás e o Congo de Ticumbi em São Mateus e a Folia de Reis em várias partes do estado. Na festa de Boi de Reis no distrito de Pedra D'água em São Mateus após a saudação aos Santos Reis, na igreja, a festa continua do lado de fora com a apresentação dos bichos.



Boi de Reis em Pedra D'Água.

Sabemos que a herança religiosa africana é fator de resistência. Isso porque mesmo sendo fortemente discriminada ela contribuiu de várias maneiras para a cultura brasileira. É muito importante conhecê-las, pois diminui o preconceito.

A partir delas foram preservados e recriados os ritmos musicais que deram origem ao samba, ao maracatu, ao axé, ao rap, ao funk e muitos outros. Assim como também foram preservadas as comidas que de alimentos ofertados aos Orixás (deuses africanos relacionados às forças da natureza), passaram a compor a culinária brasileira como o acarajé, o caruru, o vatapá, o xinxim de galinha, o cuscuz, e muitos outros pratos.

O conhecimento das propriedades medicinais das plantas também é legado desta herança religiosa, pois cada Orixá tem a sua planta e seus filhos tomam banhos para cura, prosperidade, e outros objetivos, mas sempre buscando sua paz interior e o conhecimento de si.

Ao serem trazidos para o Brasil, os negros trouxeram também sua cultura e religião. Chegando, foram conduzidos ao cativeiro e suas práticas religiosas foram reconstruídas com nova estrutura e significado sobre uma base africana e, muitas vezes, misturada com indígena e europeia.

PARA SABER MAIS

Racismo institucional é o racismo entranhado nas empresas públicas e privadas restringindo o direito das pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica.

A Constituição da República Federativa do Brasil no seu Artigo 5º afirma: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...)”

VI - é inviolável a **liberdade de consciência e de crença**, sendo assegurado o **livre exercício dos cultos religiosos** e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

É importante estudarmos as religiões de origem africana para acabar com a intolerância e construir uma relação de respeito para com todos. Porém, isso é impossível sem conhecer e reconhecer a existência dessas religiões.

Segundo o projeto *A Cor da Cultura*, os negros espalhados de norte a sul no território brasileiro, deram origem a diversas religiões de matrizes africanas (Batuque, Cabula, Egungun, Catimbó, Xambá, Omolocô, Quimbanda). Estas variavam de acordo com a etnia de origem dos negros, a cultura dos escravizados e a região brasileira em que foram estabelecidos.

Algumas dessas religiões estão presentes na Serra como a Umbanda e o Candomblé.

A Umbanda mistura as raízes africanas, indígenas, o catolicismo e o kardecismo europeus. Os umbandistas dizem ser sua religião genuinamente brasileira, pois, além dos Orixás, deuses africanos regidos por Pai Oxalá (Jesus Cristo) são adorados os pretos velhos, ancestrais africanos, os antepassados indígenas na figura dos caboclos; e, também os espíritos de boiadeiros, marinheiros, cangaceiros, crianças (representados por Cosme e Damião) e os Exus que não são o diabo cristão, mas sim mensageiros entre os homens e os deuses.

A Umbanda é uma religião sincretizada, ou seja, nela são fundidos e reinterpretados os elementos oriundos da África como o Candomblé e a Cabula, com os elementos do catolicismo tais como os anjos e santos.

Os Orixás são adorados tanto no Candomblé como na Umbanda. As duas religiões fazem culto aos ancestrais e estão presentes em todo o Brasil e mais fortemente nas regiões Sudeste e Nordeste.

Do Calundu que existia na Bahia colonial surgiram os primeiros terreiros de Candomblé. As casas de candomblé, posteriormente, se espalharam pelo Brasil.

Nos barracões de candomblé, a língua dos cultos é o yorubá. Todos os trabalhos começam com oferenda a Exu que como mensageiro entre os deuses e os homens está encarregado de abrir os caminhos para os Orixás. A intolerância religiosa faz com que os fiéis dessas religiões sejam discriminados e muitas vezes agredidos no seu direito à liberdade religiosa. Hoje a luta dessas religiões é por respeito e igualdade como determina a Constituição da República do Brasil.



Indumentária do Orixá Iansã no candomblé.



A RESISTÊNCIA NEGRA: DETERMINAÇÕES DA ONU

“Devemos lembrar que os povos afrodescendentes estão entre os mais afetados pelo racismo. Muitas vezes, eles têm seus direitos básicos negados, como o acesso a serviços de saúde de qualidade e educação.” (BAN KI-MOON - Secretário-geral das Nações Unidas)

A organização das Nações Unidas (ONU) declarou o período de 2015 a 2024 a década dos povos afrodescendentes. Eles entenderam que os povos afrodescendentes constituem um grupo distinto e que seus direitos humanos necessitam ser promovidos e protegidos. Aproximadamente 200 milhões de afrodescendentes vivem nas Américas. (<http://decada-afro-onu.org/>)

Para os países membros, como o Brasil, a ONU determina três frentes de trabalho. Essas frentes envolvem o reconhecimento, a justiça e a educação.

O reconhecimento reafirma o direito do negro à igualdade e a não discriminação. Devendo os países:

✧ Remover todos os obstáculos que impedem o igual desfrute de todos os direitos humanos, econômicos, sociais, culturais, civis e políticos, incluindo o direito ao desenvolvimento;

✧ Adotar, fortalecer e implementar políticas, programas e projetos orientados à ação para combater o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e a intolerância correlata concebidos para assegurar o pleno desfrute dos direitos humanos e das liberdades fundamentais pelos povos afrodescendentes; os Estados também são incentivados a elaborar planos de ação nacionais para promover a diversidade, igualdade, equidade, justiça social, igualdade de oportunidades e a participação de todos;

✧ Promover um maior conhecimento, reconhecimento e respeito pela cultura, história e patrimônio dos povos afrodescendentes, inclusive através de pesquisa e educação, e promover a inclusão completa e precisa da história e da contribuição dos povos afrodescendentes nos currículos escolares;

✧ Assegurar que livros didáticos e outros materiais educativos reflitam precisamente fatos históricos relacionados a tragédias e atrocidades passadas, em particular a escravidão, o comércio de escravos, o comércio transatlântico de escravos e o colonialismo, de modo a evitar estereótipos e a distorção ou falsificação destes fatos históricos, o que pode levar ao racismo, à discriminação racial, à xenofobia e à intolerância correlata;

Apesar do Brasil fazer parte da ONU sabemos que ainda precisamos lutar muito, para que todas essas recomendações possam ser adotadas.

Para atuar junto as escolas temos, na Secretaria Municipal de Educação, a Coordenação de Estudos Étnico-Raciais à disposição da comunidade escolar serrana.

Já para a população do município a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania - SEDIR disponibiliza o Departamento de Promoção da Igualdade Racial. Também o Conselho Municipal do Negro - CONEGRO, executa seu papel fiscalizador das políticas de promoção da igualdade racial.



ONU



Fundo da ONU para Infância



REFERÊNCIAS

A COR DA CULTURA. <http://www.acordacultura.org.br/kit>. Acesso em 20/01/2016, 22/01/2016, 25/01/2016, 03/02/2016, 18/02/2016, 22/02/2016.

ADINKRAS. Símbolos de sabedoria do oeste da África. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/adinkras/> Acesso em: 24/02/2016.

AGUIAR, Maciel de. Teodorinho Trinca Ferro. A capoeira Angola como arma. São Mateus: Série. Editora Brasil Cultura, História dos vencidos. Cad. 13, 1995.

BOAMORTE, Teodorico. A Insurreição de Queimado. Serra: Ed. do autor, 2000.

BORGES, Clério. Serra em prosa e versos: poetas e escritores da Serra. Serra: Edição do autor, 2007.

_____. História da Serra. Serra: Editora CTC, 2009.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: MEC/SECAD, 2004.

BRASIL. Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/Lei%2012.288%20-%20Estatuto%20da%20Igualdade%20Racial.pdf>. Acesso em 23/02/2016.

BRASIL. Programa Brasil Quilombola. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/publicacoes/diagnosco-do-programa-brasil-quilombola-marco-de-2012-1>.

CASTRO, Hileia Araujo. Conhecendo e Participando do Espírito Santo. História e Geografia. Serra: Registro Escritório de Direitos Autorais. Fundação Biblioteca Nacional. Nº 324.358, Livro 594, Folha 18, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane (org.). Racismo e antirracismo na educação. Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/641-of1-st1.pdf>. acesso em 20/01/2016.

Mapa do Espírito Santo. IJSN. Disponível em <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas> Acesso em 03/02/2016.

MUNANGA, Kabengele. (org.) Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília: 2005.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins. Comunidades Quilombolas no Estado do Espírito Santo. Conflitos sociais, consciência étnica e patrimônio cultural. RURIS, Volume 5, Nº 2, Setembro, 2011.

ROSA, Afonso Cláudio de Freitas. Insurreição do Queimado. 1ª Ed. 1884. Vitória: EDUFES: Secretaria Municipal de Cultura, 1999.

WAISELFISZ, Julio José. Mapa da violência 2014. Jovens no Brasil. Rio de Janeiro: Flasco Brasil.



Realização



Prefeitura da Serra
Secretaria Municipal de Educação
Subsecretaria Pedagógica
Coordenação de Estudos Étnico-Raciais - CEER

Produto do convênio 822.119/2015 SNPIR/PMS

SECRETARIA NACIONAL DE
**POLÍTICAS DE PROMOÇÃO
DA IGUALDADE RACIAL**

MINISTÉRIO DOS
DIREITOS HUMANOS

